



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



AS RELAÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS E CULTURAIS A PARTIR DA ANÁLISE DOS TOPÔNIMOS EM *TERRAS DO SEM FIM*, ROMANCE DE JORGE AMADO

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS
rcrqueiroz@uol.com.br

RESUMO: Toda língua traz em si uma infinidade de aquisições culturais do povo que a fala, pois aquela reflete o espírito humano em movimento. Deste modo, as palavras representam as ideias que são veiculadas pela comunidade e, por isso, são sempiternas, porque o ciclo vital, ideológico, cultural não tem limite, não tem fim. Sendo assim, as palavras estão inseridas em um conjunto infinito ao qual denominamos “léxico”. O léxico de uma determinada língua é o repositório da experiência do povo que a fala, demonstrando com isso que há uma estreita relação entre o léxico e a história cultural da humanidade. O Homem, desde o momento em que dominou o espaço circundante, teve como uma de suas atividades a nomeação. A partir de então, o ser humano passou a nomear tanto as pessoas, os objetos, quanto os lugares. O ato de nomear é, pois, arbitrário. Neste processo, o homem identifica semelhanças e diferenças com as quais estrutura o mundo que o cerca. Entretanto, esta apropriação do real através da nomeação ocorre a partir de circunstâncias históricas, variáveis culturais e anseios espirituais, sendo a primeira etapa para o conhecimento científico do mundo. No presente trabalho, interessa os nomes dados aos lugares. Ao estudo dos nomes de lugares dá-se o nome de Toponímia (dos termos gregos τόπος – tópos = lugar, e ὄνομα – ónoma = nome, ou seja, nome de um lugar) que, por sua vez, é parte integrante da ciência denominada Onomástica, a qual se ocupa em estabelecer as relações semânticas entre o nome próprio de uma pessoa ou de um lugar a que está vinculado. O estudo toponímico revela um imenso complexo linguístico e cultural, porque a Toponímia se relaciona não apenas com a Linguística, mas com a História, com a Geografia, com a Antropologia, com a Cartografia, com a Gestão Territorial, para citar apenas algumas. A obra literária, como uma obra de arte, é um produto da linguagem e, por sua vez, pode ser elaborada a partir de experiências pessoais. Sendo assim, Jorge Amado, imbricando língua e literatura, desembocou na geografia, a partir do momento em que trouxe à tona suas reminiscências relacionadas à conquista da região Sul Baiana, mostrando a dinâmica da posse da terra e a nomeação dos lugares, dando-nos pistas das inferências do homem sobre o meio circundante. A literatura possibilita a recriação da realidade. O escritor Jorge Amado, ao escrever o romance *Terras do sem fim* (publicado pela primeira vez em 1943), no qual tematiza a conquista do espaço geográfico da região Sul da Bahia, mostra como as cidades foram dominadas e nomeadas. Sendo assim, serão apresentadas neste trabalho as distintas designações toponímicas utilizadas por Jorge Amado no romance *Terras do sem fim* (1987) e que são o próprio retrato da conquista e dominação do espaço sul baiano. Para este fim, os topônimos foram separados conforme o que estabelece Dick para as taxionomias toponímicas (1992), as quais se dividem em: de natureza física e de natureza antropológica.

PALAVRAS-CHAVE: Motivação. Nomeação. Variáveis culturais. Topônimos.

1 INTRODUÇÃO

As línguas e as culturas têm a tendência em se manterem interrelacionadas, haja vista que a língua acaba por transmitir e refletir muitos signos e emblemas culturais. A palavra “cultura” denota uma área semântica muito ampla, dando a entender diversas coisas. Etimologicamente, a palavra “cultura” veio, por via erudita, do latim *cultura* através de *colere*. O verbo latino *colo*, *colui*, *cultum*, *colere* primeiramente exprimia a ideia de “amanhar”, “cuidar”, aplicada à terra: *agrum colere*. No sentido primitivo empregava-se *colere* para exprimir a operação de tratar a terra, enriquecê-la, fertilizá-la, para produzir mais e melhor (terra culta = terra cuidada, preparada). Quando Roma não passava de uma aldeia, a língua latina era a língua de rudes pastores e agricultores, sendo a maior parte de seu vocabulário constituído de palavras referentes à vida do campo. O verbo *colere*, por sua vez, veio a adquirir outros sentidos na própria língua latina, passados para a língua portuguesa.

Em português, Gladstone Chaves de Melo (1974), citando o dicionário de Caldas Aulete, diz que este apresenta, para o sentido figurado, três acepções: a) estudo, aplicação do espírito a uma coisa: *a cultura das ciências*; b) desenvolvimento que se dá por cuidados assíduos às faculdades naturais: as belas-artes elevam a alma, *a cultura do espírito* enobrece o coração; c) apuro, esmero, elegância: *a cultura do estilo, da linguagem*.

Sendo assim, uma pessoa, por natureza, difunde o que descobre e o que elabora na ordem da inteligência, dos misteres e das artes. Ao mesmo tempo, vai também apreendendo e aprendendo o que os outros descobrem e elaboram. Assim, em toda comunidade existe permanentemente uma circulação dos bens da cultura, da qual todos se beneficiam, sendo isso o patrimônio de ideias, de ideais, de conceitos científicos ou de conhecimentos empíricos, de costumes, de criações ou concepções artísticas.

A palavra “cultura”, assim como outras palavras, está inserida em um conjunto infinito ao qual denominamos “léxico”, que Biderman (1978, p. 139) descreve como: “[...] a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades.” O léxico de uma determinada língua é o repositório da experiência do povo que a fala, demonstrando com isso que há uma estreita relação entre o léxico e a história cultural da humanidade. Através do léxico se pode empreender uma viagem para se conhecer uma dada civilização, desvendando assim os mistérios das unidades lexicais que integram esse universo. Assim corrobora Mandel (1988, p. 169): “O vocabulário de uma língua é o repertório de todos os seres, objetos e idéias de um grupo humano.” Para Baldinger (1966), a

língua reflete a história dos povos, o que explicita a relação entre a história da língua e a história da cultura.

Sendo o léxico o patrimônio vocabular de toda experiência humana, faz-se *mister* tratar como se constitui, ou seja, como o homem vai nomeando seres e coisas que fazem parte do mundo circundante. Para Biderman (1998b, p. 84): “Nas numerosas tradições culturais dos homens a linguagem surge com a palavra instituidora que abre ao ser o espaço para ele se manifestar. Todas as culturas nascem de uma palavra criadora, dita em tempos imemoriais por um poder divino.” Deste modo, pode-se argumentar que a nomeação se dá a partir de fluxos históricos, variáveis culturais e anseios espirituais, pois o ser humano, ao nomear, o faz se apropriando do real, ou seja, a partir de como identifica semelhanças ou discrimina os traços que distinguem os seres e objetos em entidades distintas. Assim, tem-se a primeira etapa desenvolvida pela humanidade para o conhecimento científico do mundo, pois, “A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos lingüísticos: as palavras” (BIDERMAN, 1998a, p. 11). Destarte, ao se retomar o relato bíblico da criação do mundo, quando Deus nomeou e as coisas foram feitas, tem-se claramente essa apropriação do real no ato de nomeação através da “corporificação” das palavras, isto é, da tríade: signo, significante e significado, pois, por trás da língua está o homem, como ser físico e psíquico. Assim, a história da língua se converte em história da cultura.

No processo de nomeação estão incluídos todos os nomes, sejam estes designados às coisas, aos seres, às pessoas, aos lugares. No presente trabalho, interessa os nomes dados aos lugares.

Ao estudo dos nomes de lugares dá-se o nome de Toponímia (dos termos gregos τόπος – *tópos* = lugar, e ὄνομα – *ónoma* = nome, ou seja, nome de um lugar) que, por sua vez, é parte integrante da ciência denominada Onomástica, a qual se ocupa em estabelecer as relações semânticas entre o nome próprio de uma pessoa ou de um lugar a que está vinculado. O estudo toponímico revela um imenso complexo lingüístico e cultural, porque a Toponímia se relaciona não apenas com a Linguística, mas com a História, com a Geografia, com a Antropologia, com a Cartografia, com a Gestão Territorial, para citar apenas algumas. Para Dick (1998, p. 78-79):

Os nomes (sistema onomástico) podem ser percebidos, assim, como a conjugação de vários fatores necessários a uma seqüência expressiva: apreensão do objeto no espaço, conhecimento e percepção de seus detalhes ou constituintes, representatividade lingüística do traço percebido (cognição intelectual = uso do

código, e significação do elemento codificado), manifestação denominativa (aplicação de um significante ao referente específico) [...].

Desta maneira, os nomes têm função distintiva e significativa. Os topônimos, neste caso, trariam em sua essência não só o nome do lugar, mas o próprio lugar. Neste sentido, afirma Carvalho (*online*):

Cada topônimo, cada nome de lugar, terá a sua origem, a sua razão de ser, mesmo que seja uma razão que pareça ou apareça sem razão. Gentes e lugares, porque sem gente não há lugares, mesmo que os haja. Os lugares precisam de um nome e de quem os nomeie, precisam de gente. Mas as gentes também precisam de lugar, para ser e para estar...

Os nomes singularizam objetos, pessoas e lugares, no entanto não são *ad aeternum*, ou seja, variam segundo os influxos históricos e culturais. “Existe uma evidente e clara dinâmica, principalmente com relação à nomeação dos lugares, que se apresenta de forma preferencial, ao sabor das injunções políticas e econômicas, fazendo-os evoluir, transformarem-se ou corromperem-se.” (MENEZES; SANTOS, 2006, p. 194)

2 O VOCABULÁRIO TOPONÍMICO EM TERRAS DO SEM FIM

A obra literária, como uma obra de arte, é um produto da linguagem e, por sua vez, pode ser elaborada a partir de experiências pessoais. Sendo assim, Jorge Amado, imbricando língua e literatura, desembocou na geografia, a partir do momento em que trouxe à tona suas reminiscências relacionadas à conquista da região Sul Baiana, mostrando a dinâmica da posse da terra e a nomeação dos lugares, dando-nos pistas das inferências do homem sobre o meio circundante, conforme se pode verificar a seguir no trecho do romance *Terras do sem fim*.

Quando os homens iniciaram no Rio-do-Braço a plantação da nova lavoura, ninguém pensava que ela ia terminar com os engenhos de açúcar, os alambiques de cachaça e as roças de café que existiam em redor de Rio-do-Braço, de Banco-da-Vitória, de Água-Branca, os três povoados da beira do rio Cachoeira que ia dar no porto de Ilhéus. (AMADO, 1987, p. 129)

A literatura possibilita a recriação da realidade. O escritor Jorge Amado, ao escrever o romance *Terras do sem fim* (publicado pela primeira vez em 1943), no qual tematiza a conquista do espaço geográfico da região Sul da Bahia, mostra como as cidades foram dominadas e nomeadas. A criação das vilas e povoados foi marcada pela posse das terras que

serviam para o cultivo do cacau. No referido romance, Amado ([1943] 1987) apresenta a região Sul do estado da Bahia como protagonista, sendo este o cenário no qual se desenrolam as vivências das personagens. A nomeação de vilas, cidades, povoados, rios, morros, bairros constante na obra amadiana corrobora o que dizem Menezes e Santos (2006, p. 194):

Os nomes geográficos são testemunhos históricos do povoamento de toda uma nação. Eles registram e sinalizam a passagem histórica de gerações, culturas, povos e grupos lingüísticos, que se sucedem na ocupação de uma dada porção territorial, indicando a antropização da paisagem e a conseqüente expansão do ecúmeno.

Jorge Amado, como bom artífice das palavras, apresenta na obra *Terras do sem fim* os nomes que identificam a região Sul Baiana, mais conhecida como região cacauzeira.

O referido romance retrata a história da luta de homens pela fixação e expansão das terras com qualidade para o plantio do cacau. A trama se passa no início do século XX. Esses homens, ávidos pelo enriquecimento rápido, vinham de várias partes do país, pois o cacau era considerado mais valioso que ouro. Com isso, houve o desenvolvimento da região de Ilhéus. Contudo, aí aportavam os mais diferentes tipos humanos, atraídos pelas histórias de terras férteis e dinheiro em abundância.

Homens escreviam, homens que haviam ido antes, e contavam que o dinheiro era fácil, que era fácil também conseguir um pedaço de terra e plantá-la com uma árvore que se chamava cacauzeiro e que dava frutos cor de ouro que valiam mais que o próprio ouro. (AMADO, 1987, p. 26)

Toda a engenhosidade do escritor Jorge Amado na construção de seu texto deixa transparecer, nas páginas do romance *Terras do sem fim*, um vocabulário que é o reflexo e o retrato da forma como os seus personagens nomeiam o mundo circundante, pois,

Cada povo devido a suas especificidades culturais, converte o ato de nomear num autêntico ato de registro civil, além do fato de se obter uma característica de singularidade na identificação das pessoas e lugares, possibilitando além disso, uma maior interação no seio do convívio do meio social. (MENEZES; SANTOS, 2006, p. 194)

Sendo assim, serão apresentadas neste trabalho as distintas designações toponímicas utilizadas por Jorge Amado no romance *Terras do sem fim* e que são o próprio retrato da conquista e dominação do espaço sul baiano. Amado ([1943] 1987) traz no romance dezenove designações toponímicas, a saber, por ordem de aparecimento na obra: Ilhéus, Tabocas, Ferradas, Rio do Braço, Palestina, Água Branca, Água Preta, Banco da Vitória, Itapira, Barra do Rio de Contas, Pirangi, Guaraci, Mutuns, Itabuna, Pontal, sendo estes designativos de cidades, vilas e povoados; e Rio Cachoeira, Morro da Conquista, Morro do Unhão e Ilha do

Pontal, estes designativos de ilhas, rios e morros.

Para este fim, os topônimos foram separados conforme o que estabelece Dick para as taxionomias toponímicas (1992), as quais se dividem em: **de natureza física** – astrotopônimos, cardinotopônimos, cromotopônimos, dimensiotopônimos, fitotopônimos, geomorfotopônimos, hidrotopônimos, litotopônimos, meteorotopônimos, morfotopônimos e zootopônimos;

Quadro 1: Taxes de natureza física

Taxionomia	Significado
Astrotopônimos	Relativos aos corpos celestes em geral
Cardinotopônimos	Relativos às posições geográficas em geral
Cromotopônimos	Relativos à escala cromática
Dimensiotopônimos	Relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, etc.
Fitotopônimos	Relativos à índole vegetal, espontânea, em sua individualidade, em conjuntos da mesma espécie, ou de espécies diferentes
Geomorfotopônimos	Relativos às formas topográficas e às formações litorâneas
Hidrotopônimos	Relativos aos acidentes hidrográficos em geral
Litotopônimos	Relativos à índole mineral
Meteorotopônimos	Relativos a fenômenos atmosféricos
Morfotopônimos	Relativos ao sentido da forma geométrica
Zootopônimos	Relativos à índole animal, representados por indivíduos domésticos e não domésticos e da mesma espécie em grupos

Fonte: (DICK, 1992)

de natureza antropocultural: animotopônimos ou nootopônimos, antropotopônimos, axiotopônimos, corotopônimos, cronotopônimos, ecotopônimos, ergotopônimos, etnotopônimos, dirrematotopônimos, hierotopônimos (hagiotopônimos e mitotopônimos), historiotopônimos, hodotopônimos ou odotopônimos, numerotopônimos, poliotopônimos, sociotopônimos e somatotopônimos.

Quadro 2: Taxes de natureza antropocultural

Taxionomia	Significado
Animotopônimos ou Nootopônimos	Relativos à vida psíquica e à cultura espiritual
Antropotopônimos	Relativos aos nomes próprios individuais
Axiotopônimos	Relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais
Corotopônimos	Relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes
Cronotopônimos	Aqueles que encerram indicadores cronológicos
Ecotopônimos	Relativos às habitações de um modo geral
Ergotopônimos	Relativos aos elementos da cultura material
Etnotopônimos	Relativos aos elementos étnicos, isolados ou não
Dirrematotopônimos	Aqueles constituídos por frases ou enunciados

	linguísticos
Hierotopônimos (hagiotopônimos e mitotopônimos)	Relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças, às efemérides religiosas, às associações religiosas, aos locais de culto. Os hierotopônimos podem ser divididos em hagiotopônimos, estes relativos aos nomes de santos e santas do hagiologio romano, e os mitotopônimos, relativos às entidades mitológicas
Historiotopônimos	Relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes
Hodotopônimos ou Odotopônimos	Relativos às vias de comunicação rural ou urbana
Numerotopônimos	Relativos aos adjetivos numerais
Poliotopônimos	Aqueles constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial
Sociotopônimos	Relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade
Somatotopônimos	Aqueles empregados em relação metafórica às partes do corpo humano ou do animal

Fonte: (DICK, 1992)

Dos topônimos elencados anteriormente, por injunções econômicas e políticas, alguns mudaram de nome, sendo estes: Tabocas, que passou se chamar Itabuna; Palestina passou a Ibicarai; Água Branca passou a Ipiáú, Água Preta passou a Uruçuca, Itapira passou a Ubaitaba, Barra do Rio de Contas passou a Itacaré, e Pirangi passou a Itajuípe. Segundo Menezes e Santos (2006, p. 194):

A evolução da história com suas lutas e odisséias, assim como os traços culturais e mentalidade de uma época, retratam-se nos nomes geográficos, deixando implícitos nos mesmos, as camadas espaço-temporais, marcando-os através de múltiplas influências de caráter geográfico, histórico, sociológico, econômico, lexicográfico, antropológico, cartográfico, entre outras.

Deste modo, são aqui analisados apenas quatro¹ dos dezenove topônimos constantes em *Terras do sem fim*, a saber: Ilhéus, Tabocas, Ferradas e Rio do Braço, tendo por base a apresentação da ficha lexicográfico-toponímica, desenvolvida por Dick (1990), a qual deve conter as seguintes informações: município, localização, topônimo, acidente humano, taxionomia, etimologia, entrada lexical, estrutura morfológica, histórico, informações enciclopédicas, contexto, fonte, pesquisador(a), revisor(a), data da coleta. Para este trabalho, foram dispensados os seguintes itens: pesquisador(a), revisor(a) e data da coleta pelos seguintes motivos: a pesquisadora é a autora deste texto, a qual não contou com um(a)

¹ Por uma questão apenas de espaço, porque se ultrapassaria o limite máximo de páginas estabelecido para a apresentação dos textos completos. A escolha dos três se deve à ordem de surgimento na obra, que neste caso são os quatro primeiros: Ilhéus, Tabocas, Ferradas e Rio do Braço.

revisor(a), que seria um(a) professor(a) orientador(a); a data da coleta se refere a uma pesquisa que conte com questionários ou inquéritos e, no caso deste trabalho, foram buscadas as informações apenas constantes na obra de Jorge Amado, *Terras do sem fim* (1987), para o levantamento das designações toponímicas.

1. ILHÉUS

Município	Ilhéus
Localização	Microrregião MRG 031: Ilhéus-Itabuna / Mesorregião MESO 07: Sul Baiano.
Topônimo	Ilhéus
AH	Município
Taxionomia	Geomorfotopônimo
Etimologia	Ilha. s.f. ‘terra cercada de água por todos os lados, menor do que continente’. XIV <i>ylla</i> XIV etc. Do catalão <i>illa</i> , derivado do latim <i>ins...la</i> ilhéu ‘antiga pequena ilha’ <i>hilheeo</i> XV, <i>jlheeo</i> 1500, <i>jlheo</i> 1500 De <i>ilha</i> , com provável influência do antigo francês <i>isleau</i> .
Entrada lexical	Ilhéus
Estrutura morfológica	Elemento específico simples Ilhéu- (morfema lexical de origem portuguesa) + -s (morfema gramatical português)
Histórico	A carta da doação da Capitania de Ilhéus para Jorge de Figueiredo Correia foi assinada em Évora, a 26 de junho de 1534. Não podendo ou não querendo vir pessoalmente comandá-la, o donatário mandou em seu lugar o espanhol Francisco Romero, que se instalou inicialmente na ilha de Tinharé, onde hoje situa-se o Morro de São Paulo, vindo mais tarde para a Baía do Pontal. Chegando à baía do Rio dos Ilhéus, fundaram a sede da capitania no morro situado na entrada da barra, dando o nome de São Jorge dos Ilhéus. Foi uma homenagem ao donatário Jorge e Ilhéus, devido às ilhas que se encontram na costa. Nos primeiros anos o progresso da vila era grande, atraindo todo tipo de gente. Em 1556, a vila possuía sua igreja e alcançava relativa produção de cana-de-açúcar. Jorge de Figueiredo doou pedaços de terra - sesmarias - a figuras importantes do reino. Em 1537, fez doação a Mém de Sá, terceiro Governador Geral do Brasil. A sesmaria ficava no Engenho de Sant’Ana, onde hoje está localizado o povoado de Rio do Engenho. A amizade dos colonizadores com os nativos tornou possível a fundação cultural da Vila de São Jorge dos Ilhéus, que se transformou em freguesia em 1556 por ordem de D. Pero Fernandes Sardinha. Considerada por Tomé de Sousa como "a melhor coisa desta costa, para fazenda" a região se tornou produtora de cana-de-açúcar e ganhou muitas construções. Mas, com a chegada dos ferozes índios Aimorés, que passaram a atacar as plantações, Ilhéus sofreu o declínio econômico que resultou em decadência. No século XVII, com a importação de mudas de cacauzeiros da Amazônia e sua notável adaptação às condições climáticas da região, Ilhéus viu brilhar diante de si um novo eldorado.
Informações enciclopédicas	Ilhéus é um município brasileiro do estado da Bahia. É a cidade com o mais extenso litoral entre os municípios baianos. É considerada por seus moradores como a capital do cacau, capital da Costa do Cacau e a "Princesinha do Sul". Sua economia baseia-se na agricultura, turismo e indústrias. Já foi o primeiro produtor de cacau do mundo, mas, depois da enfermidade conhecida como vassoura-de-bruxa que infestou as plantações, reduziu muito a sua produção.
Contexto	“Agripino Doca dissera-lhe maravilhas de Ilhéus e do cacau [...]” (p. 22) “A terra era fácil em Ilhéus , plantaria uma roça de cacau, colheria os frutos, [...]” (p. 27) “Esse ouro que nasce nas terras de Ilhéus , da árvore do cacau.” (p. 28) “ Ilhéus nascera sobre ilhas, o corpo maior da cidade numa ponte de terra,

	apertado entre dois morros. Ilhéus subira por esses morros – o do Un[h]ão e o da Conquista – e invadira também as ilhas vizinhas.” (p. 185)
Fonte	CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa . Assistentes Cláudio Mello Sobrinho et al. 3. ed. 3. imp. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007. FALCÃO, Márlío Fábio Pelosi. Pequeno dicionário toponímico da Bahia . Fortaleza: Gráfica Santa Helena, 2001. HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; MELLO FRANCO, Francisco Manoel de. Dicionário Houaiss da língua portuguesa . Elaborado no Instituto Houaiss de Lexicografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. IBGE. Enciclopédia dos municípios brasileiros . Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. Vol. XX. Rio de Janeiro, 1958. ILHÉUS. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilh%C3%A9us >. Acesso em: 25 out. 2011.

2. TABOCAS

Município	Itabuna
Localização	Microrregião MRG 031: Ilhéus-Itabuna / Mesorregião MESO 07: Sul Baiano.
Topônimo	Tabocas
AH	Arraial
Taxionomia	Fitotopônimo
Etimologia	Do tupi <i>ta'woca</i> 'taquara, haste oca ou furada de planta, ger. da fam. das gramíneas, como o bambu'.
Entrada lexical	Tabocas
Estrutura morfológica	Elemento específico simples Taboca- (morfema lexical de origem tupi-guarani) + -s (morfema gramatical português)
Histórico	A história de Tabocas, em seus primórdios, não apresenta registros escritos. Os dados mais fundamentais se originam da oralidade, em levantamento realizado por um de seus principais historiadores: José Dantas de Andrade, a partir dos anos 30 do século XX. Tem sido pacífica a versão de que os primeiros a chegarem ao local onde se iniciou a povoação foram o sergipano Félix Severino de Oliveira, nascido em Chapada dos Índios, depois rebatizado Félix Severino do Amor Divino, e o cabloco Manoel Constantino, já morador em Banco da Vitória. Félix Severino, que após sua chegada a Ilhéus dirigia-se a Banco da Vitória, ouviu de Manoel Constantino a informação de conhecer um lugar que ficava antes do aldeamento dos índios (Ferradas), e que parecia ser bom para colocar roças. Manoel Constantino prontificou-se a mostrá-lo a Félix Severino, tendo partido, ambos, a pé, de Banco da Vitória, seguindo a estrada que se dirigia ao sertão, aquela que margeava o rio Cachoeira. Após trinta quilômetros chegaram ao local indicado, tendo sido aberta uma picada na mata, em direção ao rio, que em princípio pensaram ser um simples ribeirão por ser muito estreito em relação ao rio Cachoeira. Prosseguiram a picada por uns quarenta metros, encontrando a margem de outro rio - assim julgaram - e, depois de atravessarem e subirem uma encosta na margem oposta, notaram que haviam passado por uma ilha fluvial (conhecida depois como Ilha do Jegue). Ali arriaram seus pertences e escolheram o lugar para uma roça, construindo uma pequena cabana. Corria o ano de 1857. Ali teria sido construída a primeira casa de Itabuna, num local denominado Marimbêta. Atravessando o rio, Félix Severino do Amor Divino fez com que seu amigo Manoel Constantino botasse roça, no local onde é hoje a Praça Olinto Leone. Alguns anos mais tarde, entusiasmado com a idéia de ali fixar-se, Félix Severino do Amor Divino mandou buscar alguns parentes e amigos em Sergipe. Assim, em 27 de setembro de 1867 chegaram Militão Francisco de Oliveira, José Severino de Oliveira e Martinho Severino de Oliveira, seus irmãos. Também João Pereira e José Alves, seus primos. José Alves, que se fizera acompanhar da família, tinha entre seus filhos um de quatorze anos, José Firmino. José Alves e a

	<p>família receberam de Félix uma área de terras um pouco mais rio acima, num local denominado pelos índios de Burundanga (onde existe hoje o aeroporto de Itabuna). Iniciaram a derrubada da mata e a construção de casas. Naquela região foi também plantada a primeira roça de cacau do município, com as sementes mandadas trazer por José Alves, adquiridas em uma colônia estrangeira que existia em Cachoeira de Itabuna. Anos depois já eram colhidos os primeiros frutos de cacau. Ali também José Firmino Alves, em 1877, estabeleceu-se com casa de negócio, e dois anos mais tarde já contava o local com três casas residenciais, uma rancharia e uma escola, certamente a primeira de Tabocas, tendo como professora Maria Rosa de Jesus, conhecida por "Rosa Camarão". Com a morte do pai, e assumindo a responsabilidade do comando da família, José Firmino Alves mudou-se para o "arraial" que seu parente Félix Severino do Amor Divino criara ali perto, instalando no local uma grande casa de negócio para atender aos moradores, viajantes, tropeiros e boiadeiros. É evidente que o surgimento de Itabuna, anteriormente Tabocas, está inteiramente ligado à própria expansão da cultura do cacau, fato que se aprofunda a partir de meados da segunda metade do século XIX. Inegavelmente, o salto do progresso de Tabocas encontra consonância com a vinda de nordestinos fugidos da seca e a perspectiva do encontro de terras aptas e devolutas, o que ocorreu em toda região. A chegada da estrada de ferro em 1912 e a malha rodoviária feita construir pelo Instituto de Cacau da Bahia, na década de 30 do século XX, fizeram o município tornar-se o ponto de convergência viária regional, o que muito contribuiu para o vertiginoso avanço de seu comércio.</p>
Informações enciclopédicas	<p>Em meados da segunda metade do século XIX, Tabocas se constituía dos conglomerados existentes na Fazenda Caldeirão Sem Tampa (Bairro de Fátima*), Burundanga (aeroporto*), Marimbêta (Bairro Conceição*) e das construções existentes no local aberto por Manoel Constantino, imediações da hoje Praça Olinto Leone, formando a rua da Areia, o principal arruado e, inegavelmente, o ponto de referência para Tabocas. *Todos localizados hoje em Itabuna.</p>
Contexto	<p>“Eu me boto para Tabocas ... [...] – Dizque é um lugar de futuro.” (p. 25) “Nas festas de São José, em Tabocas, nas festas de São Jorge, em Ilhéus, [...]” (p. 54) “O grito dos tropeiros atravessava dia e noite o povoado de Tabocas, [...]” (p. 134) “Os habitantes de Tabocas tinham uma grande reivindicação: que o povoado fosse elevado à categoria de cidade [...]. Alguém já propusera até o nome que devia ter o novo município e a nova cidade: Itabuna, que em língua guarani quer dizer ‘pedra preta’.” (p. 135)</p>
Fonte	<p>CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Assistentes Cláudio Mello Sobrinho et al. 3. ed. 3. imp. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007. FALCÃO, Márlío Fábio Pelosi. Pequeno dicionário toponímico da Bahia. Fortaleza: Gráfica Santa Helena, 2001. HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; MELLO FRANCO, Francisco Manoel de. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Elaborado no Instituto Houaiss de Lexicografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. TABOCAS. Disponível em: <http://www.itabuna-ba.com.br/hist2.htm>. Acesso em: 5 nov.. 2011.</p>

3. FERRADAS

Município	Itabuna
Localização	Microrregião MRG 031: Ilhéus-Itabuna / Mesorregião MESO 07: Sul Baiano.
Topônimo	Ferradas
AH	Distrito
Taxionomia	Litotopônimo
Etimologia	Do latim <i>ferrātus, a, um</i> ‘guarnecido de ferro, armado de ferro, ferrado, ferruginoso’, derivado de <i>fērrum, ī</i> ‘ferro’; ver <i>ferr(i/o)-</i> ; f.hist. 1154 <i>fferrada</i> , sXIV <i>ferrada</i> .

Entrada lexical	Ferradas
Estrutura morfológica	Elemento específico simples Ferr- (morfema lexical de origem portuguesa) + -a- (morfema gramatical português) + -da- (morfema gramatical português) + -s (morfema gramatical português)
Histórico	Surgiu em 19 de outubro de 1817 com o nome de Freguesia de D. Pedro Alcântara. O local tem sua história ligada à catequese dos índios. A vila foi criada com base na lei 1.425 de 19 de agosto de 1874. É em Ferradas que começa a história de Itabuna. O frei Ludovico de Livorno, em 2 de março de 1816, chegou a Ilhéus e, com a alegação de catequizar os índios Mongaiós e Aimorés, dias depois se instalou na localidade que depois ganharia o nome de Ferradas. Um ano antes da chegada do ex-capelão do exército de Napoleão Bonaparte, o Conde dos Arcos, então governador da Bahia, ordenou que os índios fossem transferidos para outro local. Eles moravam do outro lado do Rio Amada e foram transferidos para Ferradas. Foi também a partir de Ferradas que se iniciou a abertura de uma estrada em busca da zona sertaneja de Vitória da Conquista. A localidade recebeu visitantes ilustres, como os cientistas holandeses Von Spix e Von Martius, e o príncipe alemão Maximiliano Alexandre Felipe. Ludovico ensinou para os índios princípios de urbanização e cuidados com a saúde pública. Nos primeiros dias de 1846 o frei contraiu malária e, levado para Salvador, morreu dois dias depois. Ele foi substituído provisoriamente por frei Clemente de Andevino, que cedeu lugar para Vicente Maria D'Ascoli em junho de 1848, ficou pouco tempo no cargo. Ele foi substituído anos depois por Frei Luiz de Grava. No dia 14 de abril de 1875 o frei morreu afogado nas águas do Rio Cachoeira. Nesta época crescia o comércio de gado e, inicialmente, a localidade foi denominada de Sítio das Árvores Ferradas, depois passou a Vila de Ferradas. No dia 14 de setembro de 1916 foi criada a lei número 9, transformando o local em Conceição de Ferradas, mas a mudança foi rejeitada pelos moradores.
Informações enciclopédicas	Ferradas seria mais conhecida por ser o local em que nasceu o escritor Jorge Amado. Ele nasceu numa fazenda, mas morou na rua Frei Ludovico, casa número 213, que hoje está totalmente abandonada. A localidade está completamente abandonada, com ruas intransitáveis por causa dos buracos, postes sem iluminação pública, falta de água e coleta de lixo irregular. Ferradas só foi um pouco melhor em Terras dos Sem Fim, do homem mais famoso da localidade, Jorge Amado. Mesmo assim, a casa onde ele morou desapareceu com o tempo e com a queda do telhado e das paredes. Hoje só existe o terreno e uma placa. A placa é quase uma humilhação ao escritor. Anuncia uma “reforma” prometida há mais de 20 anos, que nunca saiu. A nova promessa também será em vão, já que o atual prefeito sequer cuida da sede do município.
Contexto	<p>“— Tu não volta é nunca, que Ferradas é o cu do mundo.” (p. 25)</p> <p>“Durante algum tempo Ferradas marcara os limites da terra do cacau.” (p. 129)</p> <p>“Ferradas foi, durante algum tempo, o povoado mais distante de Ilhéus.” (p. 129)</p> <p>“Ferradas foi uma etapa, naqueles anos fervia de gente, comerciava, era conhecida das grandes casas exportadoras da Bahia, estava no roteiro de todos os caixeiros-viajantes.” (p. 129)</p> <p>“Tropeiros, que vinham conduzindo tropa de cacau seco das fazendas mais distantes, pernoitavam em Ferradas, [...]” (p. 130)</p>
Fonte	<p>CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Assistentes Cláudio Mello Sobrinho et al. 3. ed. 3. imp. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.</p> <p>FALCÃO, Márlcio Fábio Pelosi. Pequeno dicionário toponímico da Bahia. Fortaleza: Gráfica Santa Helena, 2001.</p> <p>FERRADAS. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/aregiao/art/hist/ferradas200anos.htm>. Acesso em: 4 nov. 2011.</p> <p>HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; MELLO FRANCO, Francisco Manoel de. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Elaborado no Instituto Houaiss de Lexicografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.</p> <p>IBGE. Enciclopédia dos municípios brasileiros. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. Vol. XX. Rio de Janeiro, 1958.</p>

4. RIO DO BRAÇO

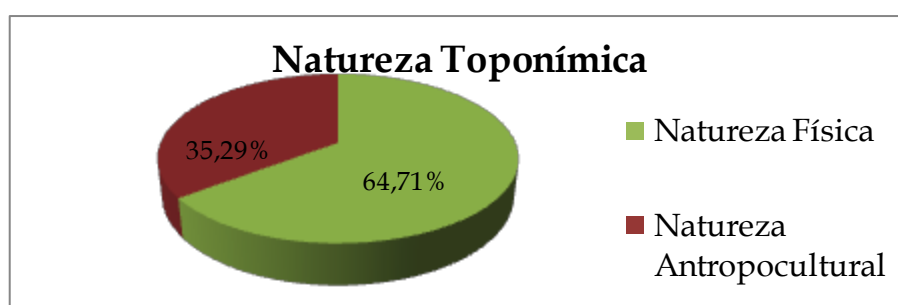
Município	Ilhéus
Localização	Microrregião MRG 031: Ilhéus-Itabuna / Mesorregião MESO 07: Sul Baiano. 6 Km da rodovia Ilhéus-Uruçuca (Km 19).
Topônimo	Rio do Braço
AH	Distrito
Taxionomia	Hidrotopônimo
Etimologia	Rio - Do latim vulgar <i>rīus</i> , este do latim clássico <i>rius</i> , <i>i</i> 'ribeiro, arroio, regato, corrente de água', ver <i>riv(i)-</i> ; f. hist. 925 <i>riu</i> , sXIII <i>rio</i> , 1392 <i>rrio</i> , sXIV <i>rijos</i> , sXIV <i>rriio</i> , sXIV <i>rryo</i> . Braço - Do latim <i>brachium</i> , <i>ii</i> 'braço' do grego <i>brakhíon</i> , <i>onos</i> 'id.'; ver <i>braç-</i> e <i>braqui(o)-</i> ; f. hist. 1059 <i>brazos</i> , sXIII <i>braço</i> , sXIV <i>braaço</i> , sXV <i>braco</i> . GEO - Cada uma das divisões do curso de um rio na foz, quando há delta; estuário.
Entrada lexical	Rio do Braço
Estrutura morfológica	Elemento específico híbrido Rio- (morfema lexical de origem portuguesa) + -do- (morfema gramatical português) + Braç- (morfema lexical de origem portuguesa) + -o (morfema gramatical português)
Histórico	Distrito do município de Ilhéus constando como tal desde 1933 e mantido até hoje sem qualquer alteração toponímica.
Informações enciclopédicas	O distrito de Rio do Braço é quase uma "cidade cenográfica" a céu aberto e suas imagens ganharam as telas da teledramaturgia brasileira, sendo cenário onde foram gravadas muitas cenas da novela "Renascer", da Rede Globo, de 1993.
Contexto	"Aqueles mãos manejaram o chicote quando o coronel era apenas um tropeiro de burros, empregado de uma roça do Rio do Braço ". (p. 50) "Quando os homens iniciaram no Rio-do-Braço a plantação da nova lavoura, ninguém pensava que ela ia terminar com os engenhos de açúcar, os alambiques de cachaça e as roças de café que existiam em redor de Rio-do-Braço , de Banco-da-Vitória, de Água-Branca, os três povoados da beira do rio Cachoeira que ia dar no porto de Ilhéus." (p. 129)
Fonte	CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa . Assistentes Cláudio Mello Sobrinho et al. 3. ed. 3. imp. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007. FALCÃO, Márlio Fábio Pelosi. Pequeno dicionário toponímico da Bahia . Fortaleza: Gráfica Santa Helena, 2001. HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; MELLO FRANCO, Francisco Manoel de. Dicionário Houaiss da língua portuguesa . Elaborado no Instituto Houaiss de Lexicografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. RIO DO BRAÇO. Disponível em: < http://www.ferias.tur.br/fotos/976/rio-do-braco-ba.html >. Acesso em: 4 nov. 2011.

2.1 A NATUREZA DOS TOPÔNIMOS EM *TERRAS DO SEM FIM*

Os topônimos trazidos por Jorge Amado no romance *Terras do sem fim* são classificados como de natureza física e de natureza antropocultural. Das dezenove designações toponímicas constantes na obra sob análise duas não foram analisadas: Mutuns, por falta de dados que, segundo Falcão (2011, p. 436), é um aglomerado rural ou povoado do município de Itabuna; e Ilha do Pontal, porque já consta sua análise na ficha lexicográfico-toponímica de Pontal, bairro do município de Ilhéus.

Deste modo, das dezessete designações toponímicas analisadas, estas se encontram subdivididas em: de natureza física – Ilhéus, Tabocas, Ferradas, Rio do Braço, Uruçuca, Itacaré, Itajuípe, Coaraci, Itabuna, Pontal e Rio Cachoeira; de natureza antropocultural – Ibicaraí, Ipiaú, Banco da Vitória, Ubaitaba, Morro da Conquista e Morro do Unhão.

Gráfico 1: Natureza Toponímica



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nomeação é uma atividade inerente ao ser humano. Sendo assim, desde sempre o homem nomeou tudo aquilo que estava à sua volta. Dar nomes aos lugares, dominar o espaço físico, conhecer a natureza do que estava nomeando e o qual se relacionava consigo próprio dá ao ser humano certo controle sobre o espaço. Na obra *Terras do sem fim*, Jorge Amado relata como o homem dominou a região Sul Baiana, quais sentimentos estavam envolvidos, qual dentre estes era o primordial para a sua conquista espacial e cultural.

Assim, como diz Dick (1990, p. 19): “A história dos nomes dos lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos [...]”, no qual “[...] descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais.” Deste modo, o estudo dos topônimos reflete a vivência do homem, seja este visto como entidade individual ou membro de um grupo, pois nos topônimos estão encerradas

as transformações dos nomes; a sua evolução fonética; a sua relação com as migrações, a colonização, os estabelecimentos humanos e o aproveitamento do solo; além das inspirações por crenças mitológico-religiosas.

No romance *Terras do sem fim*, os topônimos apresentados foram motivados por alguns desses elementos. As nomeações Ilhéus, Tabocas, Ferradas, entre outras, são aquelas que identificam a forma como o homem presente nos limites geográficos nomeados como região Sul Baiana via o mundo. Para o homem que conquistou a referida região, Ilhéus era terra boa para o plantio do cacau, era terra fácil, era terra de dinheiro: “A terra era fácil em **Ilhéus**, plantaria uma roça de cacau, colheria os frutos, [...]” (p. 27) / “**Ilhéus** é terra de muito dinheiro ...” (p. 39).

Estudar os nomes dos lugares referentes à região Sul Baiana a partir de uma obra literária, trazer à tona como se deram as suas constituições através do olhar da Toponímia, relacionar língua, literatura e geografia pelo viés da composição do acervo lexical da língua portuguesa é extremamente relevante porque, desse modo se pode corroborar que toda ciência que estuda o homem depende do próprio homem e isso também demonstra que as partes integram um conjunto maior e que dissociá-las serve apenas para marcar território: intelectual ou acadêmico, geográfico ou linguístico, literário ou filológico. Estudar os topônimos nos dá essa dimensão, pois para entendê-los foi preciso buscar sua etimologia, a história do município, a geografia, dentre outras perspectivas, sendo isso um trabalho inter ou transdisciplinar. Uma única palavra nos introduz em amplas relações de tipo histórico-cultural. No vocabulário isto é tão patente que seria insensato querer negar a necessidade de uma consideração de tipo histórico-cultural, pois, “A língua, considerada em sua essência, é mais do que uma simples manifestação cultural: é o veículo através do qual toda a cultura se consolida, se intercambia e se transmite.” (CÂMARA JR., 1954, p. 193)

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Terras do sem fim**, romance. 56. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

BALDINGER, Kurt. Língua e cultura. **ALFA - Revista de Linguística**, v. 9, p. 37-56, 1966. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3266/2993>>. Acesso em: 2 mar. 2012.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 1998a.p. 11-20.

_____. Dimensões da palavra. **Filologia e lingüística portuguesa**, São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998b.

_____. **Teoria lingüística**: lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Princípios de lingüística geral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1954.

CARVALHO, Manuel. Taxionomia toponímica. In: _____. **Toponímia**: gentes e lugares. Disponível em: <http://deaveiroportugal.blogspot.com/2006/12/taxinomia-toponmica_116714550727073574.html>. Acesso em: 23 out. 2011.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Assistentes Cláudio Mello Sobrinho et al. 3. ed. 3. imp. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O Sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 1998. p. 77-88.

_____. **A Motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

_____. **Toponímia e antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – USP, 1992.

FALCÃO, Márlio Fábio Pelosi. **Pequeno dicionário toponímico da Bahia**. Fortaleza: Gráfica Santa Helena, 2001.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; MELLO FRANCO, Francisco Manoel de. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado no Instituto Houaiss de Lexicografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. Vol. XX. Rio de Janeiro, 1958.

MANDEL, Ladislav. **Escritas, espelho dos homens e das sociedades**. Tradução de Constância Egrejas. São Paulo: Rosari, 2006.

MELO, Gladstone Chaves de. **Origem, formação e aspectos da cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Padrão, 1974.

MENEZES, Paulo Márcio Leal de; SANTOS, Cláudio João Barreto dos. Geonímia do Brasil: reflexões e aspectos relevantes. **Revista Brasileira de Cartografia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 58, p. 193-200, ago. 2006.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Terras do sem fim*, de Jorge Amado: um estudo léxico-semântico do vocabulário regional. In: _____. (Org.). **Língua, cultura e sociedade**: estudos sobre o léxico. Feira de Santana: UEFS, 2009. p. 165-207. 1 CD.